

Considerações finais

Na formação dos primeiros times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte, quatro tensões se apresentaram e foram importantes para a configuração do cenário que se constituiu na cidade. A primeira tensão, ligada à manifestação de gênero, foi entre *afeminação* e *amasculação*. Ela mostrava-se a mais evidente, uma vez que se fazia presente até mesmo nos nomes dos dois primeiros times da cidade, compostos pelas palavras “bichas” e “manos”, modelos antagônicos de manifestação de gênero. A segunda tensão, ligada ao foco dado pelos jogadores, era entre *festa e futebol*. Alguns jogadores viam as peladas e treinos como eventos festivos e de socialização, onde se escutava música e se dançava, com a presença, inclusive, de pessoas que não tinham interesse pelo futebol propriamente dito. No entanto, outros jogadores viam o futebol de forma mais focada, interessando-se apenas pela prática esportiva encarada de forma objetiva e centrada. A terceira tensão, ligada ao papel dos times, foi entre *inclusão* e *competitividade*. Enquanto grande parte dos pioneiros do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte considerava necessário incluir pessoas que nunca tinham tido acesso ao futebol anteriormente, outra parcela visava ser o mais competitiva possível, formando times de alto rendimento. A quarta tensão, ligada ao perfil de classe, foi entre *classe média* e *periferia*. Enquanto um dos dois primeiros clubes era visto como um time de elite, formado

majoritariamente por jogadores brancos de classe média, o outro era visto como um time de periferia, composto, em grande parte, por jogadores pretos e de baixa renda. Esse cenário foi mudando ao longo do tempo, mas, nos primeiros anos dos times, as relações que se estabeleciam são as sintetizadas no Quadro 6.

Quadro 6 – Eixos de tensão do início do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino

Eixo de tensão	Bharbixas	ManoTauros
Manifestação de gênero	Afeminação	Amasculação
Foco dos jogadores	Festa	Futebol
Papel dos times	Inclusão	Competitividade
Perfil de classe	Classe média	Periferia

Fonte: elaborado pela autore

Algo importante de se destacar é que os perfis apresentados no Quadro 6 revelam as características que se destacavam de forma mais acentuada em cada um dos times. No entanto, elas nunca foram uma unanimidade. Em ambos os times, também havia pessoas com tendências distintas, como jogadores do Bharbixas que davam foco maior no futebol. Tanto que essa foi uma tensão interna que permaneceu no time até a pandemia, com a criação do Inconfidentes Pride. De todo modo, a partir da identificação dessas tensões, a hipótese de que a manifestação de gênero foi um fator central na constituição do cenário do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino mostrou-se correta. Por outro lado, a vivência experimentada de forma reflexiva dos eixos de tensão encontrados comprova também a hipótese de

que a reflexividade dos jogadores foi outro fator importante para a formação desse panorama. Desse modo, foi possível compreender o cenário para além da dicotomia entre afeminação e amasculação, entendendo que também houve outros elementos importantes para a formação do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino.

No entanto, com o passar do tempo, essas diferenças entre os times foram se arrefecendo, com o ManoTauros também passando a ver o papel da inclusão como mais importante. A amasculação e o perfil periférico, que eram marcantes nesse time, também se descaracterizaram, de modo que o ManoTauros passou a ter um perfil menos definido em relação a questões de manifestação de gênero e classe. Nos primeiros anos, as diferenças bem demarcadas faziam com que esses times tivessem identidades construídas de forma oposicional e se relacionassem como rivais. Posteriormente, com as mudanças de perfil e o novo cenário do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte, que fez com que esses times perdessem protagonismo na cidade, uma relação maior de indiferença passou a se estabelecer entre eles.

Se o início do futebol LGBTQIAPN+ mineiro é marcado pela cisão do Bharbixas que deu origem ao ManoTauros, a pandemia de Covid-19 levaria a uma nova cisão, que mudaria todo esse cenário. A diretoria do Bharbixas proibiu todas as atividades do time no período. Com isso, alguns membros do Bharbixas saíram para formar o Inconfidentes Pride. Devido a conflitos internos no ManoTauros, parte dos jogadores desse time também migraram para a nova equipe. Assim, Bharbixas e ManoTauros ficaram com seus times bastante desfalcados. A partir de então, o Bharbixas – que era uma potência

nacional no futebol LGBTQIAPN+ até então – passou a ter apenas atividades recreativas, e o ManoTauros deixou de participar dos campeonatos LGBTQIAPN+. No entanto, este último passou a exercer um papel diferente na cidade, participando de campeonatos convencionais com o reforço de membros de outras equipes LGBTQIAPN+ belo-horizontinas. Esse movimento fez com que ele adquirisse um caráter agregador dentro de um movimento de parceria entre equipes LGBTQIAPN+ da cidade.

Um ponto importante na discussão sobre o futebol LGBTQIAPN+ é a polêmica sobre a legitimidade ou não da segregação e da criação de um “gueto”. O raciocínio defendido pela maioria dos jogadores é o de que esse movimento seria necessário para gerar visibilidade e repercussão para a discussão sobre o lugar das pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. Isso garantiria a conquista de espaço para essas pessoas no esporte. Além disso, a segregação proporcionaria um ambiente seguro para a prática do futebol para essas pessoas. No entanto, a expectativa desses jogadores é a de que essa segregação deixe de ser necessária no futuro, e que as pessoas LGBTQIAPN+ passem a ter acesso pleno ao futebol convencional. Essa segregação, no entanto, tem alguns limites. Apesar de os campeonatos serem abertos apenas à participação de pessoas LGBTQIAPN+, as peladas dos times costumam ser abertas também a pessoas cis hétero. Além disso, os times têm participado cada vez mais de campeonatos convencionais, ou “campeonatos hétero”, como os jogadores os chamam. Com isso, eles passaram a ter contato com “times hétero” e começaram a “furar a bolha”. Apesar do medo inicial que parte dos jogadores

tinha, a experiência dos times de Belo Horizonte nesses campeonatos tem sido majoritariamente positiva. Eles relatam piadas dos adversários e desrespeito das torcidas rivais. No entanto, em campo, têm sido respeitados, e até mesmo “admirados” por sua capacidade técnica. Os resultados também têm sido significativos, com a conquista de campeonatos convencionais na cidade. Contudo, alguns jogadores ainda buscavam não ressaltar sua afeminação nos campeonatos convencionais, por medo da possível reação dos rivais. Um ponto interessante é que, para o atual presidente do ManoTauros, time que vinha se dedicando especialmente às competições em campeonatos convencionais, essas disputas estavam sendo mais proveitosas do que as LGBTQIAPN+, devido à existência de prêmios significativos para a equipe vencedora – quando, nos campeonatos LGBTQIAPN+, para ele, haveria apenas “disputas de egos”.

Apesar de o termo oficial relacionado à LiGay ter mudado de “futebol gay” para “futebol LGBTQIA+”, essa mudança ainda era, em grande medida, apenas discursiva. Até a edição de 2023, pelo que foi possível levantar em campo, apenas uma mulher havia participado das edições nacionais do Champions LiGay na chave LGBTQIA+. Com isso, a maior parte dos times que participavam da LiGay continuaram sendo, apesar da mudança de discurso, times de futebol gay. Aparentemente, não tem havido um esforço de adaptação dos times para o acolhimento de identidades diversas nem de atração de pessoas com essas identidades. Para compreender melhor esse contexto, seria importante saber se há o interesse de que essa participação ocorra, pois, num cenário de busca por competitividade cada

vez maior, é possível que haja a perspectiva de que essa inclusão a prejudicaria. Algo a se pensar é sobre as diferenças entre as vivências de gays e lésbicas no futebol convencional. Enquanto os gays passam por um processo de exclusão sistemática, as lésbicas ocupam bastante esse espaço desde a revogação da proibição da prática do futebol por mulheres, no final da década de 1970. Por isso, cabe saber se o futebol LGBTQIAPN+ faz o mesmo sentido para mulheres que para homens. Dessa forma, seria interessante a realização de pesquisas específicas sobre esse tema.

O futebol é, historicamente, um espaço de valorização de uma masculinidade tradicional e de exclusão de homens homo-orientados. Esse processo começa desde a infância. Através das aulas de Educação Física e das peladas de rua, o futebol funciona como elemento de transformação de meninos em homens. Nas escolas, é possível notar uma separação binária entre futebol, para meninos, e vôlei (ou queimada), para meninas. No entanto, es meninos e meninos afeminados são levados a fazer as aulas com as meninas. Nesse processo, assim como as meninas, meninos e meninos afeminados têm seu acesso ao futebol impossibilitado, gerando uma falta de familiaridade dessas crianças com esse esporte. Importante notar que, nesse processo, a afeminação do menino é mais relevante do que sua homo-orientação – frequentemente, nessa fase, nem mesmo a própria criança ainda tem compreensão da sua homo-orientação. Assim, em geral, é por serem afeminados que os meninos são excluídos do futebol. Bares e estádios também são lugares de sociabilidade importantes na construção da masculinidade que gira em

torno desse esporte. O repúdio à homossexualidade, no futebol, também pode ser visto nas provocações entre as torcidas, carregadas de homofobia. Através delas, a masculinidade do outro é deslegitimada por meio da atribuição do papel passivo no sexo com outros homens. Essas provocações estendem-se aos jogadores dos times rivais e aos árbitros. Nesse cenário, percebe-se uma invisibilidade de jogadores gays, bi, pan e assexuais no futebol profissional. Apenas em 2022, com Richarlyson, tivemos o primeiro ex-jogador de um clube da série A a se declarar não heterossexual.

No entanto, também tem havido muitos movimentos de resistência a essa exclusão e deslegitimação da existência de pessoas LGBTQIAPN+ nesse esporte. Um deles foi a criação das primeiras torcidas LGBTQIAPN+ na década de 1970. Outro foi o surgimento de páginas no *Facebook*, na década de 2010, para que torcedoras, torcedores e torcedorus de diversos times pudessem discutir o lugar da diversidade de gênero e da sexualidade no futebol. Com a criminalização das manifestações de discriminação e violência contra pessoas LGBTQIAPN+, esse cenário tem passado por algumas mudanças. Os times têm se posicionado contra a homofobia nas redes sociais, e, nos estádios, os cânticos homofóbicos têm sido relatados nas súmulas e denunciados. Algumas vezes, isso tem acarretado punições efetivas para os times, como multas e ações educativas, mas outras vezes ainda não. De toda forma, as denúncias mostram que esses cânticos continuam presentes nos estádios, apesar da repressão. É em meio a esse contexto que o futebol LGBTQIAPN+ floresce no Brasil. No entanto, nem mesmo a prática esportiva realizada por gays está livre

de uma estrutura machista e misógina. Se as equipes LGBTQIAPN+ podem tensionar modelos tradicionais de masculinidade, por outro lado, elas também podem reforçá-los. Com isso, acabam havendo manifestações de afeminofobia entre os próprios jogadores de times de futebol LGBTQIAPN+.

O processo de afeminofobia começa a se estabelecer desde a infância, quando meninos e meninas afeminados sofrem *bullying* e violências no ambiente escolar. Posteriormente, ele se estende para a vida adulta do gay afeminado. Isso porque, no “mercado” das relações erótico-afetivas de homens não heterossexuais, os discursos e posicionamentos de inferiorização e repulsa em relação à afeminação são constantes e legitimados. Isso pode ser visto em aplicativos e sites de relacionamento voltados para esse público. Esse processo leva, frequentemente, a uma internalização dessa afeminofobia, gerando sofrimento psicológico para quem teve ou teme ter essas experiências. No entanto, parece haver limites para a aplicação do conceito de afeminofobia à ausência de atração sexual por pessoas afeminadas. Afinal, nem todas as afeminações são iguais, e a orientação sexual se baseia na corporeidade e sua relação com o masculino e o feminino. De todo modo, apesar da afeminofobia presente em boa parte da própria comunidade em que estão inseridos, é preciso evidenciar que gays afeminados também são amados e desejados. Além disso, há, para parte deles, um orgulho em relação à condição de afeminado.

Por outro lado, a construção dos gays *amasculados* e dos que são chamados de “gays padrão” também é um processo que se desenvolve desde a infância, quando meninos buscam amascular-se para fugir

do estigma da homo-orientação. Posteriormente, esse processo se estende para a vida adulta, com a prevalência da busca por uma hiper-masculinização. Assim, a figura do gay amasculado e a do gay padrão, marcado pela valorização do corpo musculoso, acabam se sobrepondo, e os músculos passam a funcionar como uma armadura de proteção da masculinidade. Por outro lado, as discussões sobre masculinidades gays passam por interseccionalidades com raça e classe. Nesse sentido, os negros são historicamente sexualizados e animalizados. Em relação à interseccionalidade com idade, a afeminação está relacionada com a juventude na experiência de alguns gays. Em todo esse cenário, o corpo e a erotização são importantes na sociabilidade, na normatização e no imaginário de homens não heterossexuais.

O reconhecimento de gays como homens não é sempre garantido. Em modelos homoafetivos mais comuns anteriormente, havia dicotomias entre papéis assimétricos, como a separação entre homem e bicha. De certo modo, eles ainda se fazem presentes em alguns momentos, como na relação clandestina entre homens mais velhos casados e jovens afeminados. Além disso, a palavra “homem” não se apresenta apenas como substantivo, mas também como um adjetivo que é sinônimo de hétero e amasculado. Gira, em torno da definição de homem, o estabelecimento de uma masculinidade hegemônica e de masculinidades subordinadas, havendo uma escala de subordinação mesmo dentro das identidades masculinas LGBTQIAPN+. Nesse sentido, apesar de ambos – gays afeminados e gays padrão – se afastarem da masculinidade hegemônica por não serem heterossexuais, estabelece-se entre eles uma escala de subordinação, na qual os gays

padrão gozam de privilégios e de maior status em relação aos gays afeminados. Elementos como a força, opondo-se à fraqueza física e à sensibilidade emocional, fazem parte do modelo masculino hegemônico. No entanto, há desafios e pesos que a cobrança da masculinidade padrão gera sobre os homens, podendo causar sofrimento mental. Uma das características desse processo é a manutenção de uma honra masculina. As mudanças que vêm ocorrendo nas relações de gênero nas últimas décadas também geram uma insegurança sobre como se comportar, e ela pode levar à violência contra pessoas LGBTQIAPN+ como uma forma de autoafirmação.

Há uma sobreposição de eixos de opressão sobre afeminados, uma vez que eles não são necessariamente gays ou trans, mas costumam ser vistos das duas maneiras. Uma forma de aproximação da cisheteronorma é a passabilidade, uma estratégia usada por gays amasculados para serem vistos como heterossexuais. Nesse sentido, a afemino-fobia é uma resposta à *manifestação de gênero*, não importando, na prática, se ela está relacionada à expressão de uma identidade interna ou à repetição de gestos e atos na superfície do corpo. Assim, a ideia de manifestação de gênero foge da dicotomia entre performatividade de gênero e expressão de gênero, uma vez que não se concentra na origem dessa manifestação e sim no seu resultado. No entanto, é possível identificar a existência de *manifestações de gênero espontâneas* e *manifestações de gênero intencionais*. Enquanto alguns meninos são involuntariamente afeminados, outros buscam estrategicamente adotar uma manifestação amasculada para se aproximarem da masculinidade padrão. Nesse sentido, esse conceito também foge da dico-

tomia entre performatividade e performance, uma vez que processos espontâneos e intencionais se sobrepõem, com a possibilidade de um menino amasculado esforçar-se para se tornar ainda mais amasculado, por exemplo. Seria possível pensar, ainda, na existência de uma *manifestação de gênero identitária*, que seria o entendimento de que a afeminação ou a amasculação podem fazer parte da maneira como uma pessoa se identifica.

De todo modo, o movimento LGBTQIAPN+ tem buscado separar identidade de gênero e orientação sexual. Essa separação de identidades traz ganhos políticos, como visibilidade para diferentes grupos, mas também problemas, como a generalização e simplificação de vivências. Duas categorias não oficiais na sigla LGBTQIAPN+ associadas a gays afeminados são “bicha” e “viado”. Nessas figuras, no entanto, sexualidade e gênero não podem ser vistos como dois eixos independentes. Os sujeitos da bichisse e da viadagem sofrem pressões vindas tanto da inferiorização da homo-orientação quanto do feminino, estando sobre eixos cruzados de cisheteronormatividade. Mas os termos bicha e viado podem ser usados pejorativamente ou como autoafirmação. O Bharbixas, por exemplo, tem a palavra “bicha” no nome, além de um viado como mascote. Por outro lado, o termo gay pode ser usado para encobrir identidades locais, de forma colonial, e como uma identidade higienizada.

O Bharbixas promovia um discurso inclusivo em relação à afeminação, tornando-se um espaço no qual muitos jogadores se sentiam à vontade para agirem de forma afeminada. Por outro lado, os membros fundadores do ManoTauros, apresentando uma perspecti-

va consideravelmente afeminofóbica, esforçaram-se para criar uma identidade hipermasculina para o ManoTauros. Mas, se havia jogadores com atitudes afeminofóbicas, também havia jogadores afeminados que debochavam e riam da normatividade dos amasculados. Ocorria, ali, uma disputa pelo modelo de masculinidade hegemônica vigente. Dentro do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino, um modelo que externamente é subordinado tornava-se hegemônico. No entanto, esse processo mudou com o tempo, e o modelo amasculado se firmou como referência no cenário do futebol LGBTQIAPN+ da cidade. Esse contexto nos mostra que pessoas LGBTQIAPN+ são capazes de produzir, através do futebol enquanto dispositivo, tanto processos de afeminação quanto de amasculação, bem como manifestações desportivas que os expressam.

No que diz respeito à necessidade de inclusão, também se percebe uma relação com a manifestação de gênero dos jogadores. Aparentemente, os gays mais amasculados conseguem ter uma entrada no futebol convencional, enquanto os mais afeminados não. Nesse sentido, alguns jogadores já tinham experiência com o futebol e não tinham histórico de sofrerem preconceito, o que se relaciona com a sua manifestação de gênero amasculada. Por outro lado, outros tinham contato com o futebol pela primeira vez em um time LGBTQIAPN+. Assim, os times eram transformadores para algumas pessoas, mas não tanto para outras. Outro fator de transformação, ligado ao Bharbixas, está relacionado aos questionamentos sobre gênero e sexualidade empreendidos entre os membros da equipe, que “abriam a cabeça” de alguns jogadores que chegavam ao time com um pensamento mais conservador.

Os jogadores entrevistados apresentavam um alto grau de reflexividade sobre os temas a respeito do qual eles falavam. Eles tinham um posicionamento crítico e faziam análises aprofundadas sobre os tópicos que eu trazia para a entrevista, demonstrando já terem pensado e discutido sobre eles anteriormente. No entanto, essa reflexividade não se voltava apenas para suas opiniões e ações pessoais. Ela também se construía em torno da participação em um *eu coletivo*, um nós, que podia ser os times do qual faziam parte, os times brasileiros como um todo, ou as pessoas LGBTQIAPN+ em geral. A capacidade reflexiva pode estar relacionada tanto a diálogos internos quanto a processos externos, como a escrita e as conversas com outras pessoas. No caso do Bharbixas, destacaram-se as reflexões sobre as coberturas midiáticas que o time vinha recebendo. Os jogadores entrevistados demonstravam orgulho tanto de participarem em programas de rádios locais e serem reconhecidos nas ruas da cidade depois disso quanto de terem sido alvo da cobertura de jornais internacionais. Vários dos jogadores entrevistados também refletiam que a mídia teve papel fundamental para o boom dos times de futebol LGBTQIAPN+ ocorrido em 2017.

Três eixos aglutinadores se destacaram na análise dos movimentos reflexivos empreendidos pelos jogadores entrevistados. Foi possível perceber que eles refletiam frequentemente sobre conflitos, discursos e acontecimentos. Em relação a conflitos, destacavam-se os que ocorriam entre os times, os internos (ocorridos na mente dos sujeitos) gerados por serem pessoas LGBTQIAPN+ e praticantes de futebol, bem como os que ocorriam entre os jogadores LGBTQIAPN+

e os praticantes ou torcedores do futebol convencional. Quando estavam relacionados à rivalidade ou competitividade entre os times de futebol LGBTQIAPN+, os conflitos eram vistos pelos entrevistados de forma negativa. No entanto, quando se relacionavam à luta contra preconceitos, inclusive dentro da LiGay, eles eram vistos positivamente. Nesse caso, as pessoas que lutavam contra o preconceito eram tidas como heroínas e pioneiras. As dinâmicas de conflito em torno da dissolução dos grupos também foram destacadas, a partir das duas cisões do Bhabixas relacionadas à disputa entre festa e futebol. Outra dimensão do conflito apontada é a sua possibilidade de aniquilação (eliminação de um dos lados em oposição), a partir do medo de alguns jogadores de sofrerem violência se jogassem em campeonatos convencionais, por exemplo. O conflito interno para conseguir equalizar as subjetividades em torno do futebol e da sexualidade também foi bastante acionado, em especial pelo ex-membro do Bhabixas que havia sido jogador profissional.

Sobre os conflitos em torno das definições das situações, destacam-se os pares binários inclusão versus competitividade, em todos os clubes, e festa versus futebol, no Bhabixas. No seu auge, a festa foi vista até mesmo como “circo”. Também a definição dos times LGBTQIAPN+ como piada ou como adversários respeitados apareceu bastante. Nos conflitos em torno de identidades, percebeu-se a tentativa de criar uma imagem para o ManoTauros oposta à do Bhabixas. As questões de classe e as aproximações dos times com o Atlético Mineiro e com o Cruzeiro também se destacaram. Isso porque, em Belo Horizonte, o Atlético é associado à periferia e à população negra,

assim como o ManoTauros. Por outro lado, o Cruzeiro é associado à população de classe média e média alta, assim como o Bhabixas. A hierarquia de poder entre as identidades cis hétero e LGBTQIAPN+ no futebol também foi bastante referenciada.

No que diz respeito a discursos, a referência às falas do outro time foi frequente. Nesse aspecto, debochava-se ou reiterava-se discursos dos membros do time rival. Algumas vezes, simulava-se falas do outro que não aconteceram de fato, no intuito de tentar passar alguma ideia ou fazer alguma construção sobre ele. Os jogadores também fizeram reflexões sobre seus próprios discursos, reiterando-os ou contrapondo-se ao seu eu mesmo do passado. Além disso, faziam referências a discursos de membros do próprio time para dar suporte a suas ideias ou para reiterá-los. Percebe-se que os nomes dos times são construídos dialogicamente em relação a enunciados concretos ou presumidos. Os nomes, bem como outras palavras ligadas aos times – como as que constam nas bandeiras – foram pensados pelos seus membros com muita reflexão coletiva. No entanto, essa construção passava pela mente individual dos jogadores, que, por meio de enunciados, respondiam um ao outro nesse processo. Em geral, os nomes dos times de todo o país foram apontados como carregados de significados. Os jogadores também refletiam bastante sobre termos considerados homofóbicos, como as provocações “maria” e “franga” entre os torcedores do Cruzeiro e do Atlético.

Sobre a criação de dispositivos de poder por meio de discursos, os regulamentos dos campeonatos foram apontados como limitadores das relações entre os indivíduos, já que, inicialmente, eles não permitiam a presença de mulheres. No entanto, a própria existência dos

times, da liga e dos campeonatos apareceu como o maior organizador de relações de poder, uma vez que geram segregação, excluindo as pessoas hetero cis da interação. Os discursos que dão sustentação a isso são os de busca por inclusão, visibilidade e segurança. A ideia de “mimimi” foi apontada como uma estratégia discursiva para deslegitimar pontos de vista progressistas dos jogadores, seja por parte de pessoas hétero cis ou mesmo de outros jogadores LGBTQIAPN+ considerados “heteronormativos”. A maioria dos jogadores demonstrava consciência de que o movimento do qual faziam parte era político e representava uma militância, bem como uma resistência.

A reflexão sobre os acontecimentos pelos quais os entrevistados e seus times já haviam passado também foi um tema muito recorrente nas entrevistas. Nesse cenário, alguns acontecimentos se destacaram na trajetória do futebol mineiro. A importância da realização do 1º aniversário do Bharbixas no Mineirão foi destacada pelo fato de essa ter sido a primeira vez em que um time LGBTQIAPN+ jogou num estádio que foi sede da Copa do Mundo, ocupando esse espaço em clima de comemoração. A vitória do ManoTauros em um campeonato convencional destacou-se pelo orgulho por terem vencido uma disputa contra 14 “times hétero”. Nessa ocasião, a união de diferentes equipes LGBTQIAPN+ belo-horizontinas para fortalecer o time também se mostrou importante. A 5ª edição do Champions LiGay, em Belo Horizonte, foi marcada por uma dualidade entre a comemoração por terem trazido o evento nacional para a capital mineira, misturado à culpa, por parte do Bharbixas, por diversos problemas estruturais ocorridos. A vitória do Bharbixas no 1º Champions LiGay

e a cisão entre os times são dois outros acontecimentos muito destacados. No entanto, eles se misturam com o próprio acontecimento inicial de criação do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Esses e outros acontecimentos narrados surgem como fonte de construção de identidades e trajetórias perpassadas pelo futebol. Nesse cenário, os acontecimentos fizeram com que esses sujeitos revissem seus horizontes de expectativas e percebessem que eles podem chegar, como indivíduos e, principalmente, como coletividades, bem mais longe do que pensavam inicialmente.

Por todo esse cenário, percebe-se que a manifestação de gênero e a reflexividade se relacionam com a criação do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte de diferentes formas. Enquanto a manifestação de gênero é um aspecto central na criação do Bharbixas e do ManoTauros, bem como na relação que se estabeleceu entre os dois, a reflexividade é um fator transversal que incide não apenas sobre esse conflito, mas também em diversos outros pontos de tensão. Os jogadores apresentavam um grande esforço reflexivo sobre suas próprias manifestações de gênero, e foi essa reflexão que fez com que os times adotassem algumas de suas principais características – na medida em que o ManoTauros só se construiu como um time amasculado porque esse foi um objetivo reflexivamente construído, por exemplo. No entanto, a reflexividade que perpassava outras oposições, como entre futebol e festa, também levou a decisões e ações coletivas que deram contorno aos times e suas relações.

Assim, enquanto a manifestação de gênero aparece como um dos pontos mais importantes desse processo, a reflexividade aparece

como um elemento que atravessa esse ponto, mas não se restringe a ele, alcançando aspectos como o foco dos jogadores (festa ou futebol), o papel dos times (inclusão ou competitividade) e os perfis de classe (classe média ou periferia). Dessa maneira, para todos esses pontos, houve processos reflexivos empreendidos de forma significativa pelos jogadores, que os impulsionaram a ir construindo os contornos do cenário inicial do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte.